IMAGENS DE 1924

Ilka Stern Cohen

"Sobre a colméia humana das colinas edificadas, sobre as planuras em que se entrecruzava o xadrez das ruas e se estendiam as elegantes alamedas, sobre o esparso casario longínquo, para onde a urbe, de 700 000 habitantes, em tentáculos, se alargava, - dir-se-ia corvejarem os agoureiros abutres da Insânia, da Guerra e da Destruição!"

Cyro Costa e Eurico de Góes, "Sob a metralha", 1925.

Na história oficial paulista, a " revolução" de 1932 é evento crucial, comemorado com pompa e circunstâncias. [1] Vetor de um discurso oficial triunfalista, no qual se contrapõem São Paulo e o Brasil, a revolução nos legou um rico acervo material e iconográfico, composto por cartazes, panfletos, uniformes, chaveiros, pesos de papel, broches e outros objetos portadores de mensagens do ideário revolucionário. [2] História, memória e historiografia se realimentam continuamente, de modo que o 9 de julho de 1932 cristaliza a própria identidade paulista, de acordo com o discurso político.

Não é o que acontece, entretanto, com a " revolução" de 1924, quase desconhecida do público amplo e pouco estudada pela historiografia. Em geral esse movimento é mencionado em duas circunstâncias específicas: ou no âmbito do que a historiografia consagrou como " tenentismo" [3], ou numa

---

[1] Na historiografia republicana, o termo revolução - objeto de extensa discussão teórica no campo das ciências humanas - tem sido empregado em referência aos movimentos militares dos anos 1920/1930. Sua acepção comum remete à idéia de uma transformação política estrutural, e foi esse o sentido empregado no discurso " revolucionário" desse período.

[2] Sobre a produção desses objetos, cf. Borges, Vavy P. e Cohen, Ilka S. " A cidade como palco: os movimentos armados de 1924, 1930 e 1932" in Porta, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*, vol. 3: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo, Paz e Terra, 2004, pp. 291-339.

[3] Consagrada como tema pela historiografia, a idéia de que os anos 1920/1930 foram marcados por movimentos político-militares liderados pelo baixo oficialato do Exército - os chamados " tenentes" . Para uma crítica a essa interpretação, cf. Vavy Pacheco Borges. *Tenentismo e revolução brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

referência mais direta à marcha da coluna Prestes/Miguel Costa, que durante dois anos percorreu o país pregando a revolução social. [4] Apesar da importância de trabalhos clássicos sobre o tema, [5] o movimento de 1924 foi praticamente apagado da memória política, resgatado apenas nos jubileus comemorativos [6] e apontado em alguns depoimentos de testemunhas, que não raro confundem esse evento com lembranças de 1932. [7]

O propósito deste estudo consiste em examinar um aspecto até agora pouco ressaltado pela historiografia: o estrago provocado na paisagem urbana pela violência das lutas decorrentes da revolução propriamente dita. Para tanto, recorro ao registro iconográfico bastante significativo legado por alguns fotógrafos: imagens contundentes da destruição da cidade de São Paulo, escondidas (esquecidas?) nos arquivos públicos ou em coleções particulares, por vezes sem maiores pistas sobre sua origem ou sobre a lógica de sua organização.

Essas imagens são objeto de algumas análises pontuais. A primeira delas é de autoria de Iara Lis Schiavinatto sobre a coleção particular de Paulo Nehring. [8] Essa coleção é composta por dois conjuntos fotográficos diferenciados, organizados em álbum. O primeiro - marcado pela sigla G.P. - , compõe-se de 50 fotos numeradas; o segundo não oferece maiores detalhes sobre sua procedência.

---

[4] Após abandonar a cidade de São Paulo, o exército revolucionário deslocou-se em direção ao Paraná, encontrando-se meses mais tarde com unidades gaúchas também rebeladas. Esse exército, chefiado por Luis Carlos Prestes e Miguel Costa, percorreu grande parte do território nacional; vencidos, os líderes do movimento internaram-se por fim na Bolívia em 1927. Sobre o tema, cf., entre outros, Lima, Lourenço Moreira. *A coluna Prestes*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

[5] Refiro-me aqui ao trabalho de Ana Maria Martinez Correa, *A rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1976. O estudo tem como núcleo documental o processo movido pela Justiça Federal contra os revolucionários e também contra os suspeitos de colaboração com estes, como o prefeito Firmiano Pinto e figuras de alta relevância social que compuseram a comissão que administrou a cidade durante a ocupação.

[6] Em comemoração aos 20 anos do evento, Nunes de Carvalho organiza um volume comemorativo, reunindo artigos reproduzidos ou especialmente escritos para a ocasião. Cf. *1922 - 5 de julho - 1924*. Rio de Janeiro, Ed. Henrique Velho (Empresa " A Noite"), s/d.

[7] São vários os depoimentos que falam dos incêndios na cidade, ou da fuga das famílias devido aos bombardeios sofridos em 1932, quando na realidade isso ocorreu em 1924. Cf. Eclea Bosi. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

[8] Cf. Iara Lis Schiavinatto. " *Séries fotográficas narram um evento: 1924/ São Paulo*" in Revista STUDIUM n°. 8, verão de 2002.

A autora acerta ao intuir que "*talvez se possa pensar que pela novidade do estrago, do bombardeio, da intensidade da ação militar na cidade, GP (...) tenha tentado documentar um trauma do quotidiano urbano, fazendo com que a imagem o enunciasse e se tornasse um modo de rememorá-lo*". [9] De fato, a série G.P. foi produzida com essa intenção. A sigla na verdade é a marca das iniciais de seu autor, Gustavo Prugner, fotógrafo e editor de cartões postais. [10] Conforme depoimento de seu filho, "*devido ao sucesso obtido fotografando a Revolução de julho [de 1924], passou a dedicar-se unicamente à produção de cartões postais*." [11] Quanto à autoria do outro conjunto, nada se pode afirmar. Na pesquisa que desenvolvo atualmente, encontrei pontualmente fotos atribuídas a Manoel Ginjo, Carlos Geiser, Barros Lobo e Beccherini, sem maiores detalhes. [12]

Um segundo artigo sobre essas mesmas imagens foi publicado por Ricardo Mendes; trata-se de um álbum no formato de cartões postais, encontrado no Museu da Polícia Militar do Estado de São Paulo. [13] Assim como a coleção Nehring, esta também não informa qualquer procedência, lógica ou critério de organização, nem mesmo um providencial G.P. como pista.

Em busca de material sobre a destruição de São Paulo, encontrei muitas fotografias em duas diferentes coleções particulares, além de arquivos públicos. [14] Algumas vezes chama atenção a semelhança entre as fotos identificadas como de autoria de Gustavo Prugner e as anônimas. Um dos indícios de que se trata de conjuntos distintos consiste na marcação dos negativos: as anônimas

---

[9] Idem.
[10] Cf. Instituto Moreira Salles. Cadernos de fotografia brasileira n°. 2. São Paulo 450 anos. São Paulo, 2004.
[11] Apud Gerodetti, João E. e Cornejo, Carlos. *Lembranças de São Paulo. A capital paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Studio Flash Produções Gráficas, 1999, p. 22.
[12] Numa exposição sobre São Paulo promovida pelo Museu da Imagem e Som, fotos da revolução foram atribuídas a Ginjo e Geiser, nomes sobre os quais até agora nada mais encontrei. Cf. *Memória Paulistana*. Catálogo de exposição promovida pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo em fevereiro de 1975. Barros Lobo tem seis imagens confirmadas no acervo do Instituto Moreira Salles. Cf. Cadernos de fotografia brasileira n°. 2. *São Paulo 450 anos*. São Paulo, 2004.
[13] Cf. Ricardo Mendes. Páginas negras n°. 8. Postais e fotojornalismo: imagens da revolução de 1924 no Museu da Policia Militar in www.fotoplus.com.
[14] Trata-se da coleção de Maria Beatriz de Almeida, filha de Tácito de Almeida, a quem agradeço pela gentileza do empréstimo das fotos, algumas das quais aqui reproduzidas. A outra coleção, de Maria Cecília Monteiro de Barros, compõe-se fundamentalmente das mesmas imagens, mas impressas na forma de cartões postais.

apresentam manuscrito em letra cursiva, enquanto nas de Prugner a identificação é feita em letra de forma. O conjunto anônimo, diferentemente do de Prugner, apresenta uma série expressiva de fotos de trincheiras e figuras militares, quase sempre revolucionários. Por outro lado, é natural que as imagens sejam semelhantes, uma vez que pretendem evidentemente registrar os danos materiais decorrentes das balas de canhão, obuses, granadas e do bombardeio aéreo.

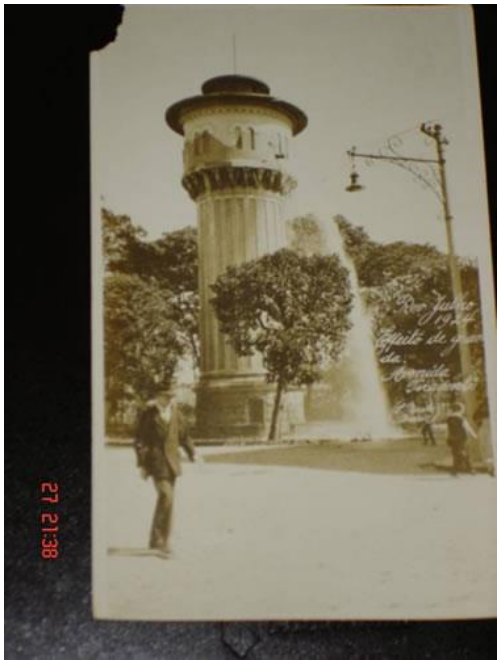
De qualquer maneira, esses conjuntos compõem um discurso fotográfico, possibilitando, assim, interpretações variadas. Como indica Boris Kossoy, "*a eleição de um aspecto determinado - isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético - , a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, (...) configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens (...)*." [15]

Nesse sentido, o que ressalta nos dois casos é o tom de denúncia das imagens, percebido, sobretudo, pela composição da cena. Trata-se de uma guerra civil, evento excepcional que se impõe no palco da vida cotidiana, resultando num encontro entre a anomalia e a normalidade. Assim, escombros, incêndios e destroços são pano de fundo de uma cena em que não raro emerge a sugestão do cotidiano: a ruína e a figura humana formam um contraponto, como no caso abaixo, no qual a moça parece estar saindo para o trabalho (1):

1. Rua Tabatinguëra, Liberdade.

[15] Kossoy, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo, Ática, 1989, p. 27.

É ainda essa sensação de naturalidade que se cristaliza na foto do reservatório da avenida Tiradentes, atingido por um obus. O buraco faz a água jorrar abundantemente, mas o cavalheiro passa em frente ao local sem parecer perturbado pela cena, completada por um grupo de crianças que parecem brincar (2).



2. Reservatório da avenida Tiradentes

Edifícios esburacados, casas desmoronadas, ruas desertas, curiosos examinando escombros, e até mesmo o aparato guerreiro, demonstrado pelas diversas fotos de trincheiras: segundo Ricardo Mendes, a natureza dessas imagens indica suas diferentes funções durante os acontecimentos - provas materiais de destruição, registro de danos para fins de reparação ou ainda simples mercadoria, conforme indica sua edição no formato de cartão postal. [16] Neste caso, contudo, a imagem " vendida" nesses artefatos (4) é diferente da usual: em vez de uma paisagem urbana retratando em ângulos e luzes estudados a engenhosidade do homem, retrata-se um outro resultado dessa mesma capacidade criadora.

4. Revolução de julho de 1924 - efeito de uma granada. Rua Caetano Pinto, Brás.

[16] : " aparecem assim, claramente associados, o suporte postal e a função jornalística. Os jornais da época não tinham condições de reprodução do material gráfico com qualidade, nem a presteza necessária para fazer a cobertura do evento." Cf. Ricardo Mendes, op. cit.

A " eloqüência" desses registros é inegável: a revolução produziu estragos sem precedentes na bela capital paulista. É certo que as fotos foram feitas ao longo do mês de julho, como se pode perceber ao cotejar essas imagens com as demais fontes documentais - depoimentos, memórias, imprensa diária. Por esse motivo, para o historiador da " revolução" elas constituem uma interessante possibilidade de retraçar os eventos da ocupação no seu dia-a-dia, permitindo captar com maior intensidade o episódio revolucionário. Nesse sentido, confirma-se a hipótese de Iara Schiavinatto: talvez esses fotógrafos estejam a "*sugerir um fio narrativo por meio desta série, no seu conjunto, como se fossem flashes do movimento de 1924 podendo, assim, apresentar e documentar a violência do acontecido, circunscrevendo-o ao passado captado pelo olho fotográfico*." [17]

"Quando eu cheguei em São Paulo /o que cortou meu coração
Eu vi a bandeira da guerra / lá na torre da estação
Encontrava gente morto / por meio dos quarteirão
Dava pena e dava dó / ai só era judiação
Na hora que nós seguimos / perseguindo o batalhão
Saímo por baixo de bala / sem ter aliviação
E a gente ali deitado / sem deixar levantar do chão
De bomba lá de São Paulo / ai roncava que nem trovão"

Cornélio Pires e Arlindo Santana, Moda da revolução

A " revolução" de 1924 foi uma tentativa de golpe de Estado levada a efeito por uma ala do Exército descontente com sua situação institucional, bem como com o sistema político - descontentamento agravado pela eleição de Arthur Bernardes em 1922. Em conluio com algumas alas da Força Pública - a milícia estadual - , unidades do Exército organizaram o movimento, planejado para partir de São Paulo em direção ao Rio de Janeiro, com o intuito de derrubar o presidente da República e instalar um governo provisório capaz de realizar algumas reformas no sentido de aperfeiçoar o sistema político. Em comunicado

[17] Schiavinatto, Iara. Op. cit.

ao povo publicado no dia 17 de julho, explicam-se os motivos do levante: "*Nada pretendem os revolucionários para si senão indicar ao povo o caminho a seguir e proporcionar-lhe os meios de reivindicar os seus direitos, substituindo os atuais poderes por forma e organização mais consentâneas com os interesses gerais, e menos acessível aos abusos (...) sem substituir a forma republicana*." [18] Esse movimento, autodenominado revolução, foi também chamado de revolta, sedição, mazorca, rebelião, motim ou desordem, e o discurso legalista qualificava seus participantes como *rebeldes*.

Os combatentes envolvidos no episódio revolucionário estavam divididos entre militares fiéis ao Governo Federal - os legalistas - e os chamados rebeldes - soldados do Exército e da Força Pública chefiados por Isidoro Dias Lopes.

Apesar da intensa articulação do golpe, incidentes de natureza variada modificaram o rumo dos acontecimentos. Como afirma um memorialista, "*não pensaram os organizadores da intentona isidoresca de 1924 em fator importantíssimo que sóe acontecer nestas ocasiões: o imponderável*". [19] Informações desencontradas, atrasos na tomada dos pontos estratégicos permitiram a reação do poder legal. Assim, o que se pretendia que fosse um início de marcha rumo ao Rio de Janeiro transformou-se na ocupação da cidade de São Paulo. A revolução acampou por aqui, entre 5 e 27 de julho de 1924.

Na fria madrugada do dia 5, os quartéis da Força Pública e do exército foram tomados por unidades rebeladas das duas forças; as estações de trem, o edifício do Telégrafo Nacional (5), as estações de transmissão de energia, enfim,

---

[18] Cf. O Estado de S. Paulo, 17-7-1924 apud Duarte, Paulo. *Agora nós! Crônica da revolução paulista, com os perfis de alguns heróis da retaguarda*. São Paulo, 1927, pp. 90-92. Em carta ao comandante do II Exército, preso em São Paulo, o líder do movimento, Isidoro Dias Lopes, comprometia-se a manter a forma de governo republicana, instituindo o voto secreto, reformas tributárias e reorganização do Exército. Cf. Noronha, Abílio de. *Narrando a verdade. Contribuição para a história da revolta em São Paulo*. São Paulo, 1924, pp. 86-88.

[19] Benito Serpa. *A Verdun paulista. Episódios da defesa do 4°. Batalhão da Força Pública durante a Revolução de Julho de 1924*. São Paulo, Gráfica Biblos Ltda. - Editora, 1962, p. 5.

os núcleos de comunicação e transportes foram alvos dos revolucionários. A estratégia consistia em tomar o controle dessas atividades, interrompendo a ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro, o que impediria que o Governo Federal tomasse providências para se defender. Não foi o que ocorreu.

5. Edifício do Telégrafo, rua Sete de Abril, centro

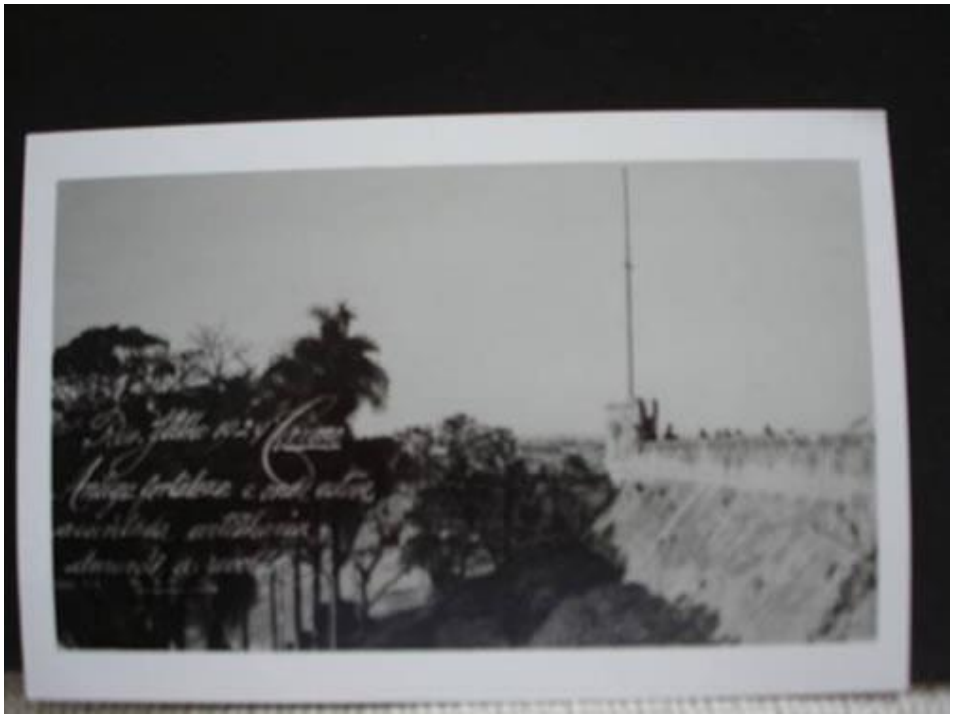
Os atrasos e incidentes deram tempo ao general Abílio Noronha, comandante da II Região Militar, de telefonar para o Rio de Janeiro e organizar uma reação, dificultando a tomada das estações e unidades militares. Unidades do forte de Itaipu, em Santos, e marinheiros do Rio de Janeiro foram mobilizados, chegando a São Paulo no domingo, dia 6.

Nas primeiras horas reinavam boatos, notícias desencontradas ou simplesmente a desinformação. O centro da cidade, coalhado de soldados de ambos os lados, transformou-se em praça de guerra, cortado por trincheiras construídas com os paralelepípedos retirados do calçamento, fardos de feno e cercas de arame farpado (6). Era enorme o ruído da fuzilaria; os olhos ardiam devido à fumaça provocada pelos escombros decorrentes dos ataques de granada e tiros de canhão. Os relatos são dramáticos: "*Na rua da Quitanda, esquina da rua Álvares Penteado, havia patrulhas legalistas, que atiravam, com vigor, em direção às ruas Quintino Bocayuva e José Bonifácio. No largo da Misericórdia, um soldado, atingido por uma bala, rodopia e tomba ao solo, golfando sangue... E morre. Na cascata que orna o jardim do Palácio, na cidade, dispunham-se atiradores, semigenuflexos, na atitude de fazerem fogo, ao provável surgir do inimigo*" . [20]

[20] Cyro Costa e Eurico de Góes. Op. cit., p. 12.

6. Trincheira da Rua Conselheiro Crispiniano. À esquerda o Teatro Municipal.

Enquanto os rebeldes procuravam ocupar os lugares de poder (concentrados no Largo do Palácio, sede administrativa do estado), os defensores da legalidade tentavam estabelecer seus pontos de ataque. Assim, uma de suas baterias no alto do Carmo (7), na colina que dava vista para a várzea. Dali se procurava atingir o quartel-general dos rebeldes, localizado na avenida Tiradentes.



7. " Antiga fortaleza onde esteve assentada artilharia durante a revolta. Carmo"

Na confusão dos primeiros dias - quando nem os próprios soldados sabiam a quem deviam obedecer - os combates se deram em pleno centro da cidade. Soldados vestidos com o mesmo uniforme caqui lutavam entre si; marinheiros e guardas civis pró e contra o governo enfrentavam-se, ainda incertos quanto ao comando a que deviam obedecer. Em seu diário da revolução, José Carlos de Macedo Soares relata um episódio bastante ilustrativo. Dirigindo-se de automóvel ao quartel general para falar com Isidoro Dias Lopes, Macedo Soares e o prefeito Firmiano Pinto foram parados por uma patrulha que os acompanhou à Luz; o cabo da Força Pública, armado com uma carabina, a certa altura pergunta ao prefeito Firmiano Pinto: - "*Afinal quem ganhou, fomos nós?*" [21]

Um dos eventos decisivos para o rumo dos acontecimentos foi amplamente retratado. Trata-se do ataque à Secretaria da Justiça, em pleno largo do Palácio (atualmente Pátio do Colégio) (8). Aqui o fotógrafo flagrou os danos materiais e a presença humana, ao que parece, imediatamente após o evento. A granada, que atingiu e destruiu parte do flanco esquerdo do edifício, provocou estragos ainda maiores no plano político. No interior da Secretaria encontrava-se o presidente do estado, Carlos de Campos, recém-saído de um cerco de três dias na residência oficial, nos Campos Elyseos. [22] Acompanhado de seu estado-maior e alguns assessores e secretários, Carlos de Campos estava no local nesse exato momento.

8. Danos causados por granada na Secretaria de Justiça, Largo do palácio, 8 de julho.

[21] Cf. Soares, José Carlos de Macedo. Justiça. *A revolta militar em São Paulo*. Paris, 1925, p. 35.
[22] Cf. Ciro Costa e Eurico de Góes. *Sob a metralha... História da revolta de São Paulo*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924, p. 42.

Segundo alguns memorialistas, o ataque mudou o rumo dos acontecimentos, pois o governador, aconselhado pelas autoridades militares enviadas pelo presidente Bernardes, deixou a cidade, que ficou à mercê das forças rebeldes. Esse " abandono" aconteceu num momento de grande impasse, quando a tendência era de que os ocupantes desistissem de seus planos. Segundo o general Abílio de Noronha, eles estavam se retirando quando correu a notícia de que o presidente do estado tinha deixado a cidade, rumando para Guayauna para encontrar-se com as forças federais ali acampadas. O acampamento na periferia também foi documentado por Prugner (9).

9. Tropas legalistas em campo

Desde então, o campo tornou-se mais definido: a cidade ocupada pelos revolucionários ficou sitiada a leste pelas tropas vindas do Rio de Janeiro e a sudeste pelas forças vindas de Santos. Outros batalhões, convocados do interior, encontravam-se a caminho, o que obrigava os revolucionários a guarnecer as demais rotas de saída da capital. Desta forma, nenhuma área urbana foi poupada da presença da guerra.

A ocupação da cidade criava problemas de toda ordem: além da paralisação das atividades comerciais e industriais, as trincheiras erguidas nas ruas centrais determinaram a interrupção do tráfego de bondes e automóveis, num momento em que o tiroteio e bombardeios atingiam bairros inteiros, dificultando a locomoção dos habitantes que tentavam escapar dos combates.

Por outro lado, a falta de policiamento aumentava o perigo de saques e desordens, fazendo emergir o fantasma da presença popular num movimento político de grandes proporções. Em conversa com o chefe de gabinete do prefeito, Macedo Soares reafirmou sua "*convicção da urgente e indeclinável necessidade de organizar-se um serviço de policiamento, que pusesse cobro aos saques vandálicos (...), começo, por certo, da generalizada pilhagem tão característica da irrupção bolchevista na Rússia*" . [23] Essa sensação se acentuou com a falta de perspectivas de uma solução para a guerra, como se pode ver no apelo a Isidoro Dias Lopes formulado pelo mesmo Macedo Soares no dia 21: "*Não faltam na cidade perigosíssimos elementos anarquistas - italianos, espanhóis, russos e de outras nacionalidades, esperando só o momento oportuno para subverterem a ordem pública e a ordem social*." [24] Compreendem-se esses temores na medida em que, para além da instabilidade política no âmbito nacional, o movimento de 1924 se enquadra na conjuntura internacional do pós-guerra, ecoando ainda os recentes acontecimentos na Rússia (1917), na Alemanha (1919) e na Itália (1922).

A desorganização do Corpo de Bombeiros - cujos membros se encontravam presos, dada sua condição de soldados da Força Pública - trazia ainda mais intranqüilidade, na medida em que os bombardeios atingiam instalações industriais e multiplicavam-se os incêndios.

10. Rua 25 de março. Incêndio

Com todos esses problemas a resolver, além da luta propriamente dita, Isidoro aceitou prontamente os apelos do prefeito Firmiano Pinto, que contava com o apoio das " classes conservadoras" representadas pelo presidente da Associação Comercial de São Paulo, José

[23] Soares, José Carlos M. Op. cit., p. 33.
[24] Idem, p. 95.

Carlos Macedo Soares. Formou-se assim uma comissão que administrou os problemas da cidade durante toda a ocupação. Estabeleceu-se uma ordem provisória na qual de certa forma se reconhecia o poder revolucionário, na medida em que as providências dependiam da autorização e colaboração dos ocupantes. Foi assim que se obteve, por exemplo, a libertação dos bombeiros para a reorganização dos serviços de combate a incêndios provocados pelo bombardeio aéreo, intensificados no dia 20.

Paralelamente, esses mesmos personagens tentavam dialogar com o Governo Federal no sentido de encontrar uma solução menos prejudicial para a cidade, o que provocou a ira do presidente Arthur Bernardes e a insistência em acusar as figuras políticas mais destacadas de colaboração com o inimigo. Essa situação pode explicar a violência dos ataques à cidade. A potência do armamento pôde ser admirada em praça pública, quando da entrada das forças governistas na cidade, depois do dia 27:

11. Carro de assalto Renault FT-17, utilizado pelas forças governistas *

A presença das forças legalistas na zona leste foi extremamente prejudicial, de acordo com numerosos relatos. De acordo com o relatório posteriormente elaborado pela prefeitura, "*de todas as zonas de serviço a que mais graves prejuízos sofreu foi a leste, na Quarta Parada, onde estiveram aquarteladas as tropas do Exército vindas do Rio de Janeiro, Minas, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e estado do Rio.*

Na avenida Álvaro Ramos o tiroteio foi intenso, tendo a casa do chefe sido varada por granadas, aí se verificando a morte de 45 muares e o desaparecimento de vários outros." [25]

Os testemunhos escritos e orais indicam certa simpatia popular não tanto pela revolução, mas por seus agentes. Aparentemente o comportamento das tropas " revolucionárias" foi diametralmente oposto ao das forças governistas, interessadas em quebrar a resistência inimiga. Enquanto Isidoro se dispôs a permitir que a administração urbana retomasse um ritmo relativamente normal, os comandantes legalistas deixaram evidente sua disposição de luta a qualquer custo. Segundo Paulo Duarte, "*as granadas legalistas dizimavam residências particulares e fábricas, mas raríssimas atingiram pontos militarizados. O Palácio de S. Luiz e a residência do saudoso Rodrigo Junqueira, à av. S. Luiz, o convento das irmãs da Esperança, à rua da Consolação, casas da rua Augusta e Caio Prado e outras partes da cidade primavam pela ausência absoluta de forças e pontos fortificados em redor, foram cruelmente danificados. Cada granada que estourava fazia um punhado de ódios contra o governismo*." [26]

12. Rua Augusta.

[25] Cf. *A PREFEITURA DE SÃO PAULO em face dos acontecimentos de julho de 1924. Relatório do prefeito apresentado à Câmara de 27 de setembro do mesmo anno*. São Paulo, Seção de Obras d' O Estado de S. Paulo, 1924, p. 34.
* Fonte: " Blindados na Revolução de 1924" in www.defesa.ufjf.br
[26] Duarte, Paulo, op. cit., p. 237.

Durante o longo período de ocupação, São Paulo foi abalada em sua totalidade. Embora seja consenso o fato de que os mais atingidos foram os bairros operários e fabris, é possível afirmar que o bombardeio foi generalizado, atingindo indiscriminadamente a área urbana. Braz, Mooca, Ipiranga, Vila Mariana, Cambucy, Liberdade, Ipiranga, mas também Higienópolis, Vila Buarque e o centro (12). Além dos danos materiais, memorialistas e testemunhas exaltam prejuízos de outra ordem: *"... os governamentais desesperavam. Os bairros, por eles ocupados, sofriam horrores: os soldados invadiam edifícios, roubando e violando donzelas. (...) os legalistas, parece, queriam disseminar o pavor, e provocar, provavelmente, a revolta do povo contra os dominadores: as granadas não incomodavam os militares. Caíam nas ruas, nos teatros, nos hospitais, nos palacetes, nos tugúrios; mas nas trincheiras e no quartel-general, muito poucas*." [27]

12. Rua Augusta.

13. Viaduto Santa Ephigenia, onde se assentaram baterias legalistas.

Os registros fotográficos ilustram a violência contra edifícios, ruas e equipamento urbano em geral. Curioso notar nesses conjuntos a ausência de fotografias do êxodo da população: milhares de pessoas abandonaram suas casas, bairros inteiros foram evacuados às

[27] Cf. Antonio dos Santos Figueiredo. *1924: episódios da revolução de São Paulo*. Porto, Empr. Ind. Graf., s/d, pp. 177-180.

pressas, trens extraordinários foram colocados à disposição das multidões em fuga. [28] Em contrapartida, abundam as imagens da destruição de casas, fábricas e equipamentos urbanos. Linhas de bonde deixaram de circular, interrompidas por trincheiras ou devido aos danos nos trilhos, como se vê no Viaduto Santa Ephigenia (13):

A cidade esteve cercada, de modo que os bairros próximos às saídas - Ipiranga, Vila Mariana ao sul, a Penha a leste e a Lapa a oeste foram vítimas de escaramuças permanentes nos movimentos de avanço e recuo das tropas legalistas em sua tentativa de penetrar as zonas ocupadas. Esses estragos são fartamente documentados nos conjuntos fotográficos até aqui analisados.

Numa outra vertente, as imagens de 1924 retratam o aparato bélico das forças em luta. Além de boa quantidade de fotos das trincheiras, há retratos das tropas legalistas (14 e 15) e revolucionárias (16), tanto acampadas quanto em movimento; os soldados aparecem posando para a posteridade:

14. Batalhão legalista

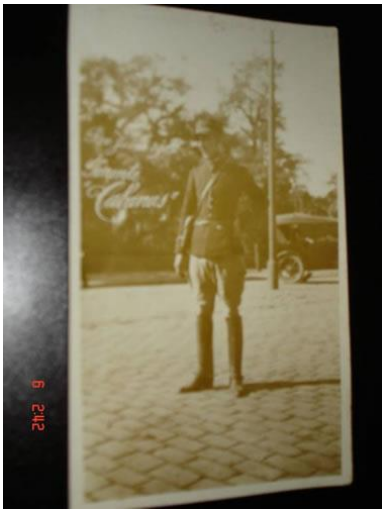
[28] Refiro-me aqui às imagens até agora trabalhadas; há registro desse êxodo em fotos de jornais e revistas, além de algumas publicadas no livro " Sob a metralha" , citado acima.

15. Carros particulares foram adaptados para as necessidades da guerra

16. Avenida Tiradentes, diante do Seminário Episcopal

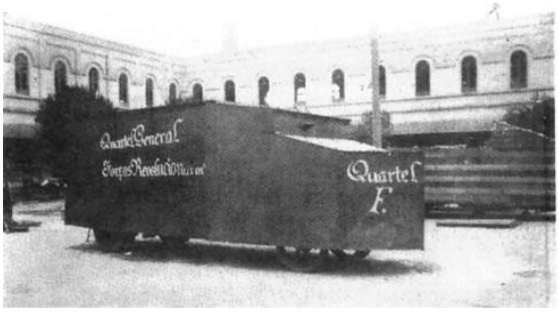
Além de numerosas trincheiras, o autor anônimo retratou alguns chefes da " revolução" , em diferentes momentos da luta (17 e 18):

17." A guarda" após a tomada da Estação da Luz



18. João Cabanas chefiou o assalto à estação da Luz

Quanto ao poder de fogo dos revolucionários, há nessa coleção apenas o registro de um blindado construído no próprio quartel da avenida Tiradentes: a sigla F.R. (" Forças Revolucionárias") estampada na dianteira (19).



19. Blindado construído durante o movimento

E assim passou praticamente o mês de julho. Em meio ao caos dos bombardeios, os políticos tentavam dissuadir o governo de atacar a cidade " inerme" , enquanto os revolucionários procuravam garantir uma saída honrosa para a situação - o armistício foi uma das hipóteses aventadas, desde que o governo garantisse a anistia aos soldados de 1922 e 1924, o que não foi aceito por Bernardes.

Após inúmeras tentativas infrutíferas de diálogo, Isidoro Dias Lopes resolveu abandonar a cidade. A retirada se deu pelas linhas ferroviárias em direção a Jundiaí, enquanto a legalidade penetrava a cidade pelo setor leste. Na madrugada de 28 de julho, os chamados rebeldes deixaram os quartéis e rumaram para uma nova etapa de seu movimento, dando início à marcha da famosa Coluna Prestes/Miguel Costa.

Prisão, perseguições, censura, estado de sítio. Esse foi o resultado imediato da invasão de São Paulo para muitos de seus líderes políticos. O prefeito, o presidente da Associação Comercial, o diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita, e várias outras figuras que se destacaram durante a ocupação foram acusados de " colaboração" com os rebeldes, sendo processados e perseguidos pelo governo de Arthur Bernardes.

As séries fotográficas analisadas demonstram a violência dos conflitos; sugerem também uma questão política: os maiores estragos foram provocados pelos legalistas, pois o Governo Federal não cedeu às inúmeras pressões e reivindicações para o cessar-fogo; ao contrário, a cada tentativa de intermediação no sentido de interromper os ataques, aumentava seu poder de fogo, a ponto de lançar panfletos exortando a população a abandonar a cidade para que se pudesse agir mais livremente. [29]

Coloca-se aqui novamente a questão da memória da revolução. É certo que este não foi um movimento da elite política paulista. Como observa um autor, "*a história oficial contada pelos paulistas não a reconhece como sua revolução,*

[29] Cf. Borges, Vavy P. e Cohen, Ilka S. Op. cit., p. 305.

pois nem o governo estadual nem a burguesia paulista a apoiaram." [30] Por outro lado, o episódio parece ter cristalizado as diferentes correntes políticas presentes no interior do Partido Republicano Paulista (PRP). Nas palavras de Paulo Nogueira Filho, "*deram os homens do '5 de julho de 1924' um passo decisivo na história da queda das oligarquias usurpadoras e do desenvolvimento da consciência democrática e libertadora do povo brasileiro*." [31]

Em conjunto, as imagens de 1924 se contrapõem às formas precedentes de apresentação de São Paulo, em álbuns e cartões postais, nos quais "*(...) as partes da cidade selecionadas evidenciam um processo de reorganização espacial pautado pela racionalidade urbana, seja pela atenção dispensada às remodelações da área central, seja pelo destaque dado aos novos padrões de ocupação dos bairros residenciais*." [32] . Nelas, o que se apresenta é o palco dos distúrbios, uma São Paulo em nova roupagem: passageira, fugaz, mas violentamente real.

---

[30] Romani, Carlos. " São Paulo. A revolução dos tenentes" in Revista Histórica. Publicação trimestral do Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. N°. 13 jan/fevereiro/março 2004, pp. 19-26.

[31] Paulo Nogueira Filho. *Ideais e lutas de um burguês progressista. O Partido Democrático e a Revolução de 1930*. vol. I. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965, p. 137. De fato, desde agosto de 1924 tem início um movimento de organização política que desemboca no Partido Democrático, fundado oficialmente em 1926. A principal bandeira do partido consistia na restauração dos princípios republicanos, corrompidos, a seu ver, pela dominação oligárquica. Sobre o tema cf. Prado, Maria Lígia Coelho. *A Democracia Ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934)*. São Paulo, Ática, 1986.

[32] Lima, Solange Ferraz de e Carvalho, Vânia Carneiro de. Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 1997, p. 31.